

a individuação através de uma atitude religiosa. O ritual, o dogma, o mito e o simbolismo das religiões tradicionais ajudavam o crente a assumir uma atitude religiosa. Na antiga dispensação, ensinavam-nos em que acreditar e como agir, mas não nos diziam *por quê*.

O que outrora aceitávamos por uma questão de fé, temos agora de chegar a conhecer pela experiência. Hoje, muitas pessoas não podem mais acreditar em algo somente porque alguma autoridade, por mais respeitável que seja, assim lhes determina. Elas precisam de um motivo. Jung era assim. Quando lhe perguntaram, aos oitenta e um anos, se acreditava em Deus, ele respondeu: "Eu não acredito. Eu sei."² Tendo tido a experiência de Deus, ele não precisava acreditar nEle.

O termo junguiano para Deus é Self. Qual é o caminho junguiano para o Self? É um processo que se desenrola passo a passo, e a atitude adequada para ele é a religiosa, a consideração cuidadosa. É uma atitude que extrai um significado da vida cotidiana. (As derrotas e os desapontamentos são particularmente instrutivos.) Nada que seja exterior nos compele a encontrar um significado na vida; no entanto, nós nos sentimos melhor quando pensamos que existe um sentido em nossa vida. Temos mais energia e mais entusiasmo.

A ilustre analista junguiana Hildegard Kirsch, já falecida, escreveu em suas reminiscências de Jung: "O mais importante dom que recebi de Jung... é a aceitação do sofrimento como uma necessidade."³ A minha experiência é a de que, se posso compreender as condições interiores que levam ao infortúnio, este adquire uma certa qualidade de inevitabilidade que o torna mais aceitável. Mas se eu não compreendo as condições interiores que levam ao infortúnio, eu brado (como Caim): "Meu castigo é maior do que eu posso suportar."⁴ Se meu sofrimento fosse apenas uma ocorrência fortuita, seria quase insuportável.

Jung observava que a pessoa que não encontra nenhum significado no sofrimento desanima com facilidade, ao passo que aquela que o encontra adquire uma imensa capacidade de sofrer. E acrescentou: "O significado torna suportáveis um sem-número de coisas — talvez tudo."⁵ Noutro lugar, ele escreveu que "a psicose deve ser compreendida, afinal de contas, como o sofrimento de uma alma que não descobriu o seu significado".⁶

A ciência, a lógica, a razão não nos podem dizer se nossas vidas significam alguma coisa ou não. O ser humano poderia ser definido como

o organismo que transforma as experiências em significado. Eu iria ainda mais longe. Evidentemente, devemos nos empenhar neste processo custe o que custar, ainda que inconscientemente fomentando guerras para que a nossa vida tenha como motivação algo mais importante que a satisfação do nosso próprio ego.

O século XX: um breve momento na história

Durante um breve momento, eu te abandonei, mas com grande compaixão torno a recolher-te.⁷

As ternas palavras de Isaías, de reconciliação e consolo, podem ser tomadas como guia para os acontecimentos espirituais do século XX.

Foi Nietzsche quem, no final do século XIX, declarou que Deus estava morto. Evidentemente, a cultura moderna precisa abandonar sua herança religiosa, tem de se retratar emocionalmente da mesma a fim de se colocar a uma distância conveniente para poder atracar-se com ela intelectualmente. Está assim realizada a primeira parte da profecia de Isaías: "Durante um breve momento, eu te abandonei."

Foi Jung quem anunciou o próximo renascimento de Deus, isto é, a encarnação de Deus em cada um de nós, chamado a viver a sua vida com a mesma sinceridade e devoção com a qual Cristo viveu a dele. Deus e os humanos estarão assim novamente reconciliados e estará cumprida a segunda parte da profecia de Isaías: "Mas com grande compaixão torno a recolher-te."

E neste último século (que corresponde ao aparecimento da psicologia profunda), está ocorrendo na consciência humana uma revolução análoga à de Copérnico, porém em sentido contrário pois, enquanto Copérnico ensinava que não somos o centro do universo físico, a psicologia profunda legitimou a convicção à qual não nos seria possível renunciar por completo — de que, afinal de contas, nós somos especiais. Fica comprovado que nós somos o centro do nosso universo subjetivo. E aí está o ponto importante: o universo subjetivo é paralelo e tem o mesmo valor e realidade que o universo físico. Aquilo de que Copérnico nos privou no domínio exterior, Jung nos devolveu no interior. Todavia, é somente na medida em que atribuímos valor à psique, o universo subjetivo, que a façanha de Jung nos enriquece.